

PUDIM



JULIE MURPHY



PUDIM

NÃO QUEBRE AS REGRAS. MUDE AS REGRAS!

Tradução
Heloísa Leal

valentina 

Rio de Janeiro, 2021

1ª Edição

Copyright © 2018 by Julie Murphy
Publicado mediante contrato com Folio Literary
Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

Puddin'

CAPA

Raul Fernandes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Daniel Stolle

DIAGRAMAÇÃO

Fatima Agra | FA studio

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
CAMILA DONIS HARTMANN – BIBLIOTECÁRIA – CRB-7/6472

M96p

Murphy, Julie, 1985–

Pudim / Julie Murphy; [tradução Heloísa Leal]. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2021.

368 p. ; 23 cm.

Tradução de: Puddin'

Sequência de: Dumplin'

ISBN 978-85-5889-084-7

1. Romance americano. I. Leal, Heloísa. II. Título.

21-73191

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Para Ashley.
Nossa amizade é minha comédia romântica favorita.

“Se não gosta da estrada por onde está caminhando,
comece a pavimentar outra.”

Dolly Parton



“Ela é minha amiga porque nós duas sabemos o que é ser alvo
da inveja das pessoas.”

Cher Horowitz, *As Patricinhas de Beverly Hills*

MILLIE



UM

Eu sou uma pessoa que faz listas. Anoto. (Com minhas canetas de gel e um esquema de cores predeterminado, é claro.) Assim que termino, risco. Não existe nada que dê maior satisfação do que um caderno cheio de listas executadas à perfeição.

Há muito tempo, decidi fazer uma lista de todas as coisas que eu podia controlar, e elas se resumiam a uma só: minha atitude. E essa provavelmente é a razão por que consegui me convencer de que programar um despertador para me acordar às 4:45 da manhã é algo desumano. Veja, eu sou do tipo que gosta das manhãs, mas, se quer mesmo saber minha opinião, 4:45 nem conta como manhã, e olha que eu sou uma pessoa otimista.

Depois de desligar o último alarme do celular, desço da cama e visto meu roupão rosa-bebê felpudo com um *M* gótico bordado na gola. Por um momento, espreguiço

o corpo inteiro e bocejo uma última vez antes de me sentar diante da escrivaninha e tirar da gaveta o caderno floral. Na capa dura, em letras douradas, está escrito FAÇA PLANOS, e abaixo, em cursivas, *MILLIE MICHALCHUK*.

Pressiono os lábios para me livrar do gosto de sono. Normalmente, faço questão de escovar os dentes, mas outro dia Amanda leu na internet que se a pessoa anda sem inspiração deve tentar escrever assim que acordar, antes que o cérebro tenha chance de ligar. Acho que não custa experimentar. Com o lápis PODEROSA CHEFONA verde-menta equilibrado na mão, examino todas as tentativas fracassadas que risquei ao longo da semana.

~~Acredito no poder do pensamento positivo.~~

~~A maioria das pessoas não sabe o que quer, e essa é a verdadeira razão pela qual ficam empacadas. Quanto a mim, sei exatamente o que quero.~~

~~O dicionário Webster define jornalismo como atividade ou ofício de coletar, escrever e editar notícias para jornais, revistas, tevê ou rádio.~~

~~Eu defino jornalismo como~~

Passo para uma nova página, sento e espero. Fico encarando o espaço em branco, na esperança de que as linhas se transformem em palavras, mas elas permanecem totalmente estáticas.

Sou uma boa aluna. Não ótima como o Malik ou a Leslie Fischer, que estava destinada a ser a oradora da turma quando venceu o concurso de soletração do terceiro ano, embora ainda estivesse no primeiro, mas estou em todas as aulas do AP* e me saindo melhor do que a maioria dos meus colegas. Raramente me sinto intimidada por uma prova discursiva, ou mesmo um teste de trigonometria cronometrado. Mas essa carta de motivação está começando a se tornar um monstro completamente diferente. Na verdade, está fazendo com que eu me sinta mais como a Fracassada Bobona do que a Poderosa Chefona.

Depois de dez minutos sem nenhum resultado, além de algumas palavras riscadas e dois bonequinhos rabiscados que eu imagino estarem tendo um

* Advanced Placement, programa que oferece aos alunos do ensino médio aulas de nível universitário. (N.T.)

encontro e que até poderiam ser eu e um certo alguém... enfio de volta o caderno na gaveta da escrivaninha.

Amanhã. Amanhã será o dia em que as palavras certas me ocorrerão. Abro o notebook e vou passando os arquivos da minha pasta de vídeos até escolher *Harry & Sally*. Esse é um dos filmes que minha mãe e eu mais curtimos – o tipo de comédia romântica cujas falas a gente sabe de cor e salteado –, embora ela dê um *fast forward* na cena do orgasmo e a gente até hoje assista ao VHS que ela gravou anos atrás. (Minha mãe ainda não descobriu que eu posso assistir à versão integral na internet.)

Acima do computador, há um bordado em ponto de cruz que copiei do Pinterest. Um padrão floral intrincado que faz mil curvas em volta da frase O SEU DIA TEM TANTAS HORAS QUANTO O DA BEYONCÉ. (Fiz um para Willowdean, que trocou Beyoncé por Dolly Parton – duas deusas, na minha humilde opinião.)

Ao lado, há uma placa de madeira decupada onde se lê QUANDO OLHO PARA O FUTURO, É TÃO BRILHANTE QUE MEUS OLHOS ARDEM – OPRAH WINFREY. E, acima, outro bordado em ponto de cruz com a frase A VIDA É COMPLICADA DEMAIS PARA VOCÊ NÃO SER DESCOMPLICADA – MARTHA STEWART. E essas são apenas algumas das minhas obras-primas.

Foi da minha mãe que herdei o amor pelas frases inspiradoras, os bordados em ponto de cruz e os trabalhos manuais. Toda a nossa casa é decorada com almofadas bordadas à mão com frases encorajadoras e impressões em aquarela de versículos da Bíblia cuja qualidade é quase boa o bastante para serem vendidas na O Bom Livro, a livraria cristã local.

É como se minha mãe e eu fôssemos um casal de passarinhos, sempre acrescentando algum detalhe ao ninho, e o projeto nunca é concluído, mas a cada acréscimo nos sentimos mais em casa. Pelo menos, é assim que tem sido até agora. Mas, nos últimos meses, minhas esperanças e sonhos têm crescido na direção oposta do que a minha mãe quer para mim. Pouco a pouco, venho redecorando o meu ninho.

Os bordados em ponto de cruz e as peças em madeira decupada pendurados na minha parede destoam bastante das frases inspiradoras sobre dietas que espalhei ao meu redor no verão passado e nos oito verões anteriores ao

Spa de Verão Fazenda Margarida. VOCÊ NÃO TEM NADA A PERDER ALÉM DE PESO sempre foi uma das minhas favoritas.

Spa. Sim, eu fui para um spa. Mas isso já é passado, porque, pela primeira vez em nove anos, não vou voltar para ver minhas amigas ou a Srta. Georgia, minha orientadora, na Fazenda Margarida. Entrar no concurso de misses Jovem Flor do Texas e conquistar o segundo lugar virou o jogo para mim. Fiz coisas que nunca acreditei que fossem possíveis. Toquei ukulele para um teatro lotado e caminhei pelo palco num lindo vestido – para não falar na parte dos trajes de banho do concurso! Até mesmo fui a um baile com um garoto. E fiz tudo isso neste corpo. Essa é a razão pela qual eu não posso me dar ao luxo de perder outro verão me pesando todas as manhãs e comendo comida de coelho na esperança de que no primeiro dia de aula alguém note que perdi dois quilos e meio.

Agora: se eu conseguisse encontrar um jeito de explicar isso à minha mãe... E, então, prepare-se, mundo! Millicent Michalchuk, sua âncora de confiança, vai aparecer numa telinha perto de você.

Mas primeiro tenho que terminar essa porcaria de carta de motivação para o Curso Intensivo de Telejornalismo na Universidade do Texas, em Austin.

Sei que vai ser preciso bem mais do que um curso de verão ou mesmo um diploma. Estamos falando de estágios e de anos de trabalho duro. Mas estou disposta a encarar tudo isso, porque quero ser o rosto que as pessoas veem todas as noites ao chegarem em casa – uma voz em que possam confiar. Uma voz que inspire. E talvez até mude o mundo. Acho que é uma coisa boba para se esperar de uma âncora de telejornal, mas a atitude dos meus avós em relação ao noticiário local é tão religiosa quanto a atitude deles em relação, bem, à própria religião!

Ouçoo os dois falando sobre coisas que as pessoas disseram nos canais de notícias a que assistem, e em algumas ocasiões chego a achar que não estamos vivendo no mesmo mundo. O que me faz pensar que às vezes não são apenas os fatos que importam, e sim quais e como são apresentados. Por exemplo, quando o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado, todas as fontes de notícias que acompanho na internet trataram a situação como uma celebração, porque de fato merecia ser comemorada! Fui para a casa dos meus avós, e, quando lá cheguei, pelo som da tevê deles, qualquer um imaginaria que tínhamos sido invadidos por um inimigo mortal.

Talvez seja diferente para cada um, mas a opinião que pessoas como os meus avós têm do mundo é moldada por quem anuncia as notícias. Essa é uma tremenda responsabilidade, que eu levo muito a sério.

Eu sei. Garotas gordas não aparecerem nos noticiários. Bem, também não permitiam que garotas gordas ficassem em segundo lugar no concurso de misses Jovem Flor do Texas. Mas, a certa altura, tudo acaba tendo a sua primeira vez, portanto, por que não pode ser a minha?

Depois de tirar os bobs, pego a legging preta e o casaco de moletom verde-menta que deixei separados na noite passada. O casaco é o resultado de um Sábado de Arte para Mães e Filhas, o qual apelidamos de “Sabadarte” – uma tradição mensal que vem perdendo força, agora que estou trabalhando para o tio Vernon –, e tem um transfer pintado em tecido de um cachorrinho com uma borboleta pousada no focinho. (É tão fofo quanto parece.)

Passo uma leve camada de gloss cor-de-rosa e fecho o notebook, deixando Harry e Sally para trás. Por fim, ligo a cafeteira para os meus pais antes de entrar no carro e ir para o trabalho.

Às 5:45 da manhã, Clover City mal acabou de acordar. O único sinal de vida é a luz piscando da Aurora Donuts e Café, que se derrama na rua, e uma meia dúzia de corredores treinando que vejo antes de entrar no estacionamento da Jogando a Toalha, a academia de boxe do tio Vernon e da tia Inga.

Papai tentou dizer a eles que o nome da academia soava meio derrotista, mas eles não deram a mínima. Tio Vernon e tia Inga se conheceram no fórum de um fã-clubes do Rocky. Inga era uma recém-chegada da Rússia que vivia na Filadélfia, e eles se encontraram pela primeira vez nos infames degraus do Rocky no Museu de Arte da Filadélfia. (Ignorando os protestos de todos os parentes, porque ninguém na família além de mim consegue entender como é possível se apaixonar via internet.)

Nunca estive na Filadélfia, mas Inga me prometeu que iremos quando eu me formar – uma verdadeira viagem de meninas. Espero apenas não precisar subir todos os setenta e dois degraus do Rocky para que a minha história de amor tenha um final feliz.

Estaciono na vaga bem em frente à academia. Embora Inga sempre pegue no meu pé e no de Vernon por estacionarmos nas vagas da frente, gosto de pensar que eu a mereci por ser a funcionária do mês. Mesmo sendo a única

funcionária que eles têm. Poxa, o salário é uma merreca. Tenho que aproveitar as mordomias que puder descolar.

Estendendo-se acima da fachada de vidro no nosso canto do shopping fica o letreiro luminoso exibindo o nome JOGANDO A TOALHA e um par de luvas de boxe penduradas ao lado. Abaixo dele ainda dá para ver a sombra das letras do nome anterior, LIFE CLUB FITNESS.

Sininhos tilintam acima da minha cabeça quando abro a porta. Corro para trás do balcão e desligo o alarme.

Começo a cuidar dos afazeres iniciais: contar o dinheiro no caixa, apontar lápis, imprimir novos formulários de inscrição, ver se os vestiários estão com toalhas e papel higiênico, e dar uma volta rápida pelo local para inspecionar os equipamentos. Sempre brinco com os sacos de pancada, passando por entre eles e socando cada um para ver se ainda apresentam a mesma robustez da manhã anterior. Pulando na ponta dos pés, acerto no último saco uma rápida sequência de socos, *um-dois*.

Os sininhos tornam a tilintar acima da porta, me avisando que alguém entrou.

– Está com uma cara boa, Millie!

Encabulada, dou uma olhada para trás.

– Bom dia, Vernon. – No passado, meu tio foi aquele tipo de cara de quem os pais imploram às filhas para ficarem longe. Músculos volumosos e cachos louro-escuros. Mas hoje em dia ele mais parece um pai exausto do que um bad boy de cidade do interior. A barba de um louro-arruivado já apresenta áreas grisalhas, e as rugas em volta do sorriso estão mais fundas, mas ainda é tão robusto como sempre me lembro dele.

– Sua postura está ficando bastante firme – diz ele. – Acho que eu não teria coragem de mexer com você num beco escuro.

Agito as mãos.

– Só estou me divertindo um pouco – respondo, indo até o balcão e pegando as chaves do carro. Aprender a lutar boxe pra valer está na minha lista de objetivos a longo prazo, depois de entrar no curso de telejornalismo e dar uns amassos num garoto. (Afinal, Oprah diz que a gente deve falar os objetivos com todas as letras, e ela nunca me desamparou.)

Ele dá de ombros. As olheiras e a camiseta de ontem entregam que passou a noite inteira acordado com os gêmeos. Não só isso. É que, no momento,

a academia está quase na lona. (O duplo sentido foi voluntário.) Até o mês passado, esse lugar era franqueado da Life Club Fitness, que tem academias especializadas (clubes de tênis, CrossFit, futebol americano de salão) em todo o país. Isso significava que tínhamos verba extra para o marketing, equipamentos e até mesmo grana para fazer coisas como patrocinar as equipes locais de esportes.

Mas a LCF decretou falência da noite para o dia, por isso agora tio Vernon e tia Inga estão por conta própria com este lugar, e sem rede de proteção. Com todos os investimentos que já fizeram aqui e os gêmeos recém-nascidos, o sucesso da academia se tornou mais importante do que nunca. Da última vez que estive na casa deles, vi uma pilha de cartas de cobrança das companhias de água e de luz, e não consigo esquecer aquilo. Este lugar é a última esperança dos dois, e não estou disposta a deixar que fracasse.

Aponto para uma mancha de vômito no ombro de Vernon.

– Tem camisas limpas no escritório.

Ele dá uma olhada na mancha.

– Tem não. Essa foi a última. – Ele encosta a cabeça no balcão. – Nada jamais vai ficar limpo. Luka e Nikolai tiveram uma diarreia causada por intoxicação alimentar ontem à noite. A casa toda poderia ser condenada. Está tudo perdido, Millie. O *merdocalipse* reivindicou até a última alma.

Eu tento não cair na risada, mas não posso deixar de sorrir. Vernon é a única pessoa na família que fala palavrão, e algo no fato de usá-los na minha frente faz com que eu me sinta mais velha e mais descolada do que sou.

– Lavei as camisas junto com as toalhas no escritório ontem à noite. – Ele levanta a cabeça, e o seu cheiro invade as minhas narinas. *Intoxicante* é a palavra certa. – Que tal também tomar uma chuveirada rápida? Ainda faltam uns vinte minutos para o pessoal começar a chegar.

Vernon levanta o braço e dá uma cheirada.

– Bem, acho que não quero espantar novos alunos em potencial.

Consigo abrir o meu sorriso mais encorajador.

– É isso aí! Agora, você sabe onde estão os novos formulários de matrícula, e vamos começar a promoção com as vitaminas da Green's, lembra? Aqueles folhetos estão na sua mesa. E...

– Nunca aceite não como resposta – diz ele, completando o mantra de negócios de Inga. (Bem, na verdade é o mantra dela, em geral.)

– Sim. Exatamente.

– Inga tem metido a faca no nosso orçamento feito uma doida ultimamente. Poderia estrelar um filme de terror. Ou, de repente, fazer carreira na luta livre. Invencível Inga, a Assassina de Orçamentos. – Ele se vira e sai se arrastando até os chuveiros, os ombros caídos. Decido não lhe contar sobre a misteriosa mancha marrom nas suas costas.

– Joga a camisa no cesto de toalhas sujas – peço em voz alta, saindo pela porta da frente.

Entro na minivan e dou uma olhada no letreiro *Jogando a Toalha* piscando acima, com o *D* de “Jogando” faltando – algo que não posso me esquecer de incluir na nossa longa lista de reparos necessários.

Enquanto manobro para a rua, aperto o botão de chamada no volante.

– Ligar para Amanda! – berro.

– Ligando para Panda – responde a voz de robô do carro.

– Não. Encerrar chamada. Não ligar para Panda. Ligar para Amanda.

– Buscando Panda Express.

– Não! – digo num gemido, desligando e tornando a ligar o rádio antes de tentar novamente. – Ligar para Amanda!

Há uma longa pausa antes que a voz do robô responda:

– Ligando para Amanda.

– Finalmente – resmungo.

A linha toca por um momento antes de eu ouvir a voz de Amanda gemendo nos alto-falantes.

– Bom dia, linda! – exclamo. – Você é inteligente. Você é talentosa. Você é um anjo.

– Não há nada de bom nas manhãs – diz ela, a voz abafada pelo que parece ser um travesseiro. – Mas pelo menos você acertou em relação a linda. Inteligente? Talentosa? Um anjo? Vou trabalhar nisso.

– Todas as manhãs são boas – digo a ela. – São as tardes que estragam tudo. – Rio baixinho comigo mesma, mas o silêncio de Amanda é sinal de que ela não achou o meu humor fofo. – Afirmações diárias. Li sobre isso na semana passada. Você diz as coisas que quer ser. Imaginei que seria mais fácil se a gente fizesse as afirmações uma para a outra. Pra ficar mais interessante!

– Posso entrar nesse jogo – diz ela. – Só digo coisas boas pra você ser?

– Basicamente.

– Você é um prato de batata rosti. Você é um waffle. Você é um rolinho de canela.

– Amanda! – Reviro os olhos. – Leva a sério.

– Por quê? Estou com fome e ninguém está levando isso a sério. – Ela dá uma bufada no fone. – Já vai sair? – pergunta. – Cai fora do meu quarto, Tommy! – rosna. – Desculpe. Meu irmão.

– Espere por mim na frente da escola. Tenho que fazer os comunicados matinais. – Abro um sorriso. – Esteja lá em dez minutos. E, de repente, a gente até dá uma paradinha pra tomar café da manhã.

– Já acordei, mãe! – torna ela a gritar. – Por favor, vem logo – sussurra ao telefone.

– Você me deve três afirmações! – lembro a ela, pisando mais fundo no acelerador. É nas horas difíceis que se conhece os amigos.